

AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE MANEJO E BEM-ESTAR ANIMAL DE EQUINOS ESTABULADOS

MARJANA COLOMBI MARTINS¹; ANELISE HAMMES PIMENTEL², ARIONE AUGUSTI BOLIGON³

¹Universidade Federal de Pelotas – marjanam@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anehammespimentel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – arioneboligon@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A crescente demanda do cavalo para esporte e lazer fez com que cavalos de áreas rurais ocupassem também a zona urbana, em haras, hospedarias e centros de treinamentos, tendo os mesmos uma mudança de hábito radical. O estabulamento de equinos em hospedarias passou a ser conveniente visto a facilidade do manejo com a alimentação, cuidado e limpeza (VIEIRA, 2015). Diante desta nova realidade, o cavalo foi privado de escolher seu próprio alimento e passou a receber alimentação em horários restritos.

Essa estratégia de criação exigiu uma simplificação da dieta em duas principais categorias de alimentos: concentrados (alimentos com alto conteúdo energético e/ou proteico) e volumosos (pastos e forragens conservadas), visando atender as necessidades nutricionais, mas sem levar em conta o manejo de fornecimento e a individualidade de cada animal (DITTRICH, 2010). Moore em 1912 relatou as consequências de estabular um cavalo e as atribuições para os comportamentos anormais, sendo estes, decorrentes do período de ócio que é maior quando comparado à animais de vida livre, a falta de contato social e a restrição que limita a locomoção do indivíduo. Sendo essas situações nas quais o comportamento e a condição fisiológica indicam desconforto e estresse ao animal.

O motivo de estabular cavalos é justificado principalmente pela praticidade de aproximação, proporcionando o contato com maior facilidade, evitando o deslocamento por longas distâncias (CINTRA, 2011; LEME et al., 2014). Porém, frequentemente em áreas urbanas, não há espaço suficiente para soltar esses cavalos em piquetes (LEME et al., 2014). Nesse contexto, o estábulo que parece perfeito aos olhos do homem, para o cavalo pode ser o oposto do seu ambiente natural (BIRD, 2004). A maneira como o cavalo é mantido confinado depende muitas vezes de fatores como a finalidade e espaço disponível (VIEIRA, 2015). A finalidade para a qual o cavalo é mantido confinado determina as atividades e as práticas de manejo aos quais ele será submetido (LEME et al., 2014). Um dos principais problemas considerados no cavalo estabulado é o tempo de ócio, consequência do fato de não estar em vida livre, e não poder realizar as atividades naturais da espécie (MILLS; NANKERVIS, 2005).

Os cavalos estabulados exigem uma atenção intensa, manejo e preparação, como cuidados com alimentação, sanidade, pelo, treinamento, onde o principal objetivo do estábulo com esses cavalos é mantê-los saudáveis, mesmo em um ambiente artificial. Assim, esse trabalho teve por objetivo avaliar o manejo alimentar e o bem-estar de equinos confinados em hospedarias do município de Camaquã/RS.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no município de Camaquã/RS, no ano de 2018. Para a realização do estudo foram realizadas visitas à 13 hospedarias registradas na Inspetoria Veterinária de Camaquã, sem aviso prévio, e aplicado um questionário junto ao proprietário do estabelecimento, visando analisar o manejo alimentar e o bem-estar dos equinos estabulados. Os dados obtidos foram submetidos à análise descritiva através do programa Statistix®.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 13 estabelecimentos visitados, 100% relataram fornecer concentrado e volumoso para seus hóspedes. No manejo com cavalos, as necessidades naturais em relação à ingestão de volumoso, não devem ser negligenciadas (BULENS et al., 2013), garantindo assim um estado natural de bem-estar físico e emocional. Nesse contexto, a ordem de fornecimento dos alimentos (volumoso x concentrado) bem como o número de vezes de fornecimento também é um ponto importante a ser avaliado dentro das hospedarias. Quando questionados sobre a ordem de fornecimento dos alimentos, 98% dos tratadores relataram distribuir primeiro o volumoso e, posteriormente, o concentrado. Entretanto, quando questionados sobre o motivo dessa ordem de fornecimento, a grande maioria não soube responder. Dois estabelecimentos relataram fornecer ambos os alimentos no mesmo momento, quando questionados sobre tal manejo, os proprietários disseram saber que deveriam respeitar um intervalo entre um e outro, mas devido à mão de obra escassa, essa foi a alternativa mais eficaz encontrada. É recomendável que o fornecimento de concentrado nunca ultrapasse 50% da dieta do animal (DAVIDSON; HARRIS, 2002), sendo que a determinação de ajuste entre a relação de concentrado e volumoso da dieta é de suma importância, principalmente devido ao fato dos equinos serem susceptíveis a distúrbios digestivos relacionados ao mau manejo e à fisiologia digestiva da espécie (KAYA et al., 2009). Quanto a avaliação da frequência diária das refeições, apenas em 15% dos estabelecimentos a dieta era fracionada em três vezes ao dia (manhã, tarde e noite), enquanto 85% alimentam seus animais duas vezes ao dia (manhã e noite). A maioria das hospedarias entrevistadas alimentavam seus cavalos duas vezes ao dia (85%), o que, segundo MEYER (1995), daria intervalos de 10h durante o dia e 14h durante a noite, o que pode ocasionar transtornos aos cavalos. Esse manejo faz com que os animais permaneçam com o estômago vazio por várias horas (BIRD, 2002), sendo que uma dieta a base de concentrados, apesar de atender o aporte nutricional, pode sobrecarregar o estômago e intestinos, modificando a microbiota e assim predispondo a problemas como cólicas e úlceras (MILLS; CLARKE, 2002).

Ao avaliar as instalações das hospedarias, foi observado que cerca de 54% das mesmas propiciavam a seus cavalos interação com o meio externo, através de aberturas nas cocheiras. Essas aberturas consistiam em janelas, que permitem ao cavalo olhar para fora de sua cocheira, possibilitando assim a sua interação com outros animais da hospedaria. Sabe-se que o bem-estar de animais estabulados pode ser comprometido por fatores procedentes dos animais (condição corporal, lesões, saúde, etc.) e fatores do ambiente (MAIN et al., 2003), como tamanho e qualidade das instalações, alimentação, água e acesso ao pasto. Esses fatores servem muitas vezes de base para a resolução de problemas de bem-estar animal. Neste contexto, as instalações devem estar adequadas às características físicas e comportamentais dos animais, visando à

higiene, segurança e conforto, além de proteção contra umidade e vento (BIRD, 2004). Porém, as falhas de planejamento são comuns, quando as instalações visam somente facilitar a mão de obra humana para o manejo com os animais.

Segundo MILLS; NANKERVIS (2005) os equinos, por serem animais sociais precisam ser mantidos em condições de exercer suas habilidades, evitando assim, o desenvolvimento de doenças físicas e mentais (WARAN, 2001). Além disso, no alojamento de equinos, há uma maior tendência para o ambiente ficar impróprio devido a grande quantidade de água eliminada pela respiração, suor e urina. Os gases produzidos pelas fermentações pútridas dos dejetos e das camas sujas são maléficos à respiração do cavalo, necessitando de uma ventilação adequada para serem eliminados. Assim, é de suma importância que as cocheiras sejam bem ventiladas, claras, secas e confortáveis (TORRES; JARDIM, 1987). Os ambientes fechados, além de não favorecerem a saúde do animal, são mais favoráveis para que haja o desenvolvimento de comportamentos anormais, gerando um nível alto de estresse, por ficarem muito tempo encerrados sem contato com outros animais ou mesmo sem contato com o ambiente externo.

Neste estudo, 98% dos estabelecimentos relataram possuir equinos com comportamentos anormais, sendo que 59% das hospedarias relataram possuir animais com aerofagia e lignofagia, 41% com geofagia. As novas condições de vida em confinamento, com pouca atividade física, com alimentação a base de concentrados e pouco volumoso, sem companhia de outros cavalos ocasionaram alguns prejuízos, predispondo esses animais a maior incidência de estereotípias e distúrbios metabólicos, comportamentos estes que dificilmente são vistos no comportamento natural da espécie em vida livre (VIEIRA, 2015). As estereotípias são comportamentos incomuns na vida dos animais, que se tornam repetitivos e não possuem função aparente, mostrando uma desordem fisiológica, que causa uma queda no nível de bem-estar.

4. CONCLUSÕES

A falta de orientações e informações sobre manejo alimentar e bem estar animal são responsáveis por situações adversas à fisiologia de equinos submetidos a condições não naturais.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRD, J. **Cuidado Natural del Caballo: Um enfoque natural para su óptimo estado de salud, desarrollo y rendimiento**. Barcelona, ed. Acanto, p.206, 2002.

BULENS, A.; et al. The enriching effect of non-commercial items in stabled horses. **Applied Animal Behaviour Science**, v.143, p.46-51, 2013.

CINTRA, G.A. O cavalo: Características, Manejo e Alimentação. 1º Ed. São Paulo: Roca, 2011.

DAVIDSON, N.; HARRIS, P. **Nutrition and Welfare**. N. Waran (Ed.). The Welfare of Horses. Kluwer Academic Press, Amsterdam. Kluwer Academic Publishers, p.45-76, 2002

DITTRICH, R.J.; MELO, A.H.; AFONSO, F.C.M. A.; DITTRICH, L.R. Comportamento ingestivo de equinos e a relação com o aproveitamento das forragens e bem-estar dos animais. **Revista Brasileira de Zootecnia**, Brasil, v.39, p.130- 137, 2010.

KAYA, G.; SOMMERFELD-STUR, I.; IBEN, C. Risk factors of colic in horses in Austria. **Journal of Animal Physiology and Animal Nutrition**, Nova Jersey, v.93, n.3, p.339- 349, 2009

LEME, D.P.; PARSEKIAN, A.B.H.; KANAAN, V.; HÖTZEL, M.J. Management, health, and abnormal behaviors of horses: A survey in small equestrian centers in Brazil. **Journal of Veterinary Behavior**, Amsterdam, v.9, p.114-118, 2014.

Main, D. C. J., Kent, J. P., Wemelsfelder, F., Ofner, E., & Tuytens, F. A. M. (2003). Applications for methods of on-farm welfare assessment. **Animal Welfare**, Inglaterra 12(4), 523-528

MILLS, D.S.; CLARKE, A. **Housing, management and welfare**. Waran, N. (Ed.). *The Welfare of Horses*. Kluwer Academic Press, Amsterdam, pp. 77-97. 2002.

MILLS, D.D.; NANKERVIS, K. **Comportamento equino**. São Paulo. Roca, 213p. 2005

MOORE, J. Crib-biting and wind-sucking. **Veterinary Record**, Inglaterra, v24, p.806-814, 1912.

TORRES, A. P.; JARDIM, W. R. **Criação do cavalo e de outros equinos**. 3. ed. São Paulo: Livraria Nobel, 1985.

VIEIRA, MICHELE CRISTINA. "**Percepções de práticas de manejo em estabelecimentos equestres quanto à influência dessas práticas para o bem-estar de equinos**." Dissertação, UFSC, Florianópolis, 2015.

WARAN, N. K. **The Social Behaviour of Horses**. Keeling; Gonyou (Ed.), *Social Behaviour in Farm Animals*. CABI, Wallingford, Reino Unido, pp. 247-274. 2001.